

DOIS ITENS LEXICAIS NOS ATLAS LINGÜÍSTICOS DA BAHIA E DO PARANÁ

Guilhermina Mendes de Carvalho*

RESUMO: *Este artigo, abordando inicialmente o papel da geografia lingüística nas pesquisas dialetológicas, apresenta um estudo sobre as diferentes ocorrências para dois itens lexicais – “nevoeiro” e “parte terminal da inflorescência da bananeira” – registrados nos atlas lingüísticos da Bahia e do Paraná.*

Palavras-chave: Parte terminal da inflorescência da bananeira; Nevoeiro; Atlas lingüísticos.

1. INTRODUÇÃO

Trata este artigo de um estudo realizado sobre as diferentes ocorrências para dois itens lexicais – “nevoeiro” e “parte terminal da inflorescência da bananeira” - registrados nos atlas lingüísticos da Bahia e do Paraná, com o fim de apontar similaridades e contrastes nos usos lingüísticos referentes a esses conceitos em duas áreas geográficas não contíguas do território brasileiro, pela identificação de características peculiares e/ou comuns às áreas em que são atestados. Assim, na seção 2 deste artigo, apresento o Atlas Prévio dos Falares Baianos, APFB, e o Atlas Lingüístico do Paraná, ALPR, e, em seguida, dou início, na seção 3, ao estudo, nos referidos Atlas, dos dois itens lexicais pesquisados, “a parte terminal da inflorescência da bananeira” e “nevoeiro”.

2. O ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS E O ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

2.1 O Atlas Prévio dos Falares Baianos, APFB

Publicado em 1963 pelo Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, o APFB é de autoria de Nelson Rossi, professor da então Faculdade de Filosofia da UFBA, e oito alunas recém-graduadas do curso de Letras dessa Universidade. Esse atlas, o primeiro publicado no Brasil, recobre todo o Estado da Bahia, contando com uma rede de 50 pontos selecionados segundo critérios geolingüísticos de antigüidade, vida própria, relativo isolamento e população numericamente representativa.

O APFB contém 198 cartas lingüísticas, das quais 44 são sínteses de outras, identificadas como cartas-resumo, precedidas de 30 páginas contendo a história das localidades, informantes, transcrição fonética e 11 cartas introdutórias. Quase todas as cartas apresentam notas, contendo ou o discurso dos autores, ou o dos informantes, o que amplia os dados lingüísticos, no nível do léxico, da fonética e da morfossintaxe. Quanto aos informantes, tiveram sua escolha orientada pelos princípios da tradição dialetal, que recomenda a pouca escolaridade, a nula ou escassa mobilidade e a preferência pelos mais velhos. A partir de sua identificação constante das cartas, é possível, na consulta às notas, traçar-lhes o perfil, relativamente a idade, sexo e profissão, o que permite o controle de diferentes variáveis.

* Professora do Instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Mestranda em Lingüística pela UFBA. Advogada. guilherminamaria@uol.com.br.

2.2 O Atlas Lingüístico do Paraná, ALPR

É o quinto publicado no Brasil (1994) e constituiu-se, inicialmente, na tese de doutorado de Vanderci de Andrade Aguilera. Compõe-se de dois volumes, dos quais o primeiro contém a metodologia da pesquisa, bem como a descrição dos 65 pontos inquiridos, a caracterização dos informantes por localidade, a apresentação dos tipos de cartas e um glossário das formas cartografadas. Do segundo volume, constam as cartas lingüísticas, em número de 191, sendo 92 lexicais, 70 fonéticas e 29 de isoglossas, seis cartas com mapas (do Estado e das microrregiões, entre outros) e mais seis cartas com a distribuição geográfica da ocupação paranaense, dos séculos XVII a XX. Conforme a tradição geolingüística, os informantes foram escolhidos dentre pessoas analfabetas ou semi-alfabetizadas, com idade variando entre 30 e 60 anos. As cartas lexicais, apresentando as variantes influenciadas pelas variáveis sexo, idade, local de nascimento e grau de escolaridade dos informantes, foram organizadas por campo semântico na ordem do questionário aplicado.

3. A PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA

A “parte terminal da inflorescência da bananeira”, que pertence à área semântica “Vegetais” do APFB, e ao campo semântico “Terra”, no ALPR, inclui-se entre os itens investigados pelos inquiridores que procederam à coleta de dados para a elaboração dos dois atlas lingüísticos: no APFB, refere-se à Carta 32 e, no ALPR, à Carta 45.

3.1 A Carta 32 do APFB (Anexo I)

Na Carta 32 do APFB, são inúmeras as formas de expressão para um mesmo conteúdo, atingindo, desse modo, um alto grau de diversidade lexical, o que dificulta a verificação da distribuição espacial das formas. Pode-se observar, todavia, que há maior concentração das lexias *buzo*, *buzina*, no Nordeste, e *bagunço*, no Recôncavo, apresentando-se as demais em áreas descontínuas, podendo haver, no mesmo ponto, duas ou três coincidências. As lexias mais recorrentes são *búzio/búzia* e *umbigo*¹.

Tabela 1
Lexias na Carta 32 do APFB

LEXIAS	PONTOS	%
Búzio, búzia	14	0,31
Umbigo	12	0,26
Engaço/engastalho, Bombó	8	0,17
Coração	7	0,15
Bagunço	6	0,13
Buzina, Pendão	4	0,08
Cacho	3	0,06
Pivide	2	0,04
Boneca, Castanha, Sabugo	1	0,02

¹ Na análise percentual, dos 50 pontos pesquisados, foi computado apenas um total de 45 pontos informados, visto não haver, na Carta 32, qualquer registro de lexia nos pontos 7, 17, 39, 45 e 47.

Na carta fonética correspondente, as expressões e suas formas variantes ultrapassam o número de dez: *bagunço*, *bombó*, *búzio*, *búzia*, *buzo*, *buzina*, *coração*, *engaço*, *engastalho*, *pendão*, *umbigo*, *pivide*, *castanha*, *boneca*, *cacho*. Na carta lexical, dispõem-se, nos pontos pesquisados, as lexias *búzio/búzia*, *bombó*, *coração*, *engaço/engastalho*, *pendão* e *umbigo*.

Sobre a forma *búzio* e sua variante popular *buzo*, a maioria dos dicionários etimológicos e glossários pesquisados fazem referência à “concha que serve de trombeta por produzir som” e à “trombeta”, como é o caso de Morais Silva (1949-1959), Nascentes (1966) e Silveira Bueno (1964). Este último apresenta o étimo provável **bucceus*, “concha”, de que se deriva *buccina*, pois tais conchas serviam de buzina. Machado (1967) entende que *búzio* é a masculinização do latim *buccina*, “trombeta”, já que um *búzio-concha* serve de trombeta, (o que explicaria a forma feminina *búzia*, *buzo*?). Já Houaiss (2001) apresenta, para *búzio*, dois verbetes: o primeiro, cujo étimo latino é *bucinum*, *i*, no sentido de “concha em forma de trombeta”; o segundo, adjetivo cuja etimologia é de origem desconhecida e se diz da “videira que tem os entrenós longos”, sentido este que parece mais próximo da lexia em questão. De referência a *buzina*, explica como sendo “espécie de trombeta, *búzio* grande” e acrescenta que, em Botânica, na linguagem informal, é o mesmo que *mangará*, denominação de origem tupi, comum no Nordeste do Brasil, que designa a “extremidade bulbosa da inflorescência da bananeira, buzina, coração”. Assim, os sentidos terminam por entrelaçar-se, remetendo uns a outros.

A forma *bombó*, confirmando a influência do negro na cultura baiana, vem do quimbundo *mbombó* e designa o “pedaço de mandioca macerado e seco para ser assado ou fazer a farinha do infunde”, conforme Houaiss (2001) e Aurélio (1999), entre outros. Somente Cardoso e Ferreira (2000) referem-se à expressão como “parte terminal da inflorescência da bananeira” e remetem à carta 32 do APFB.

Para *coração*, a referência direta à inflorescência da bananeira só foi encontrada em Houaiss (2001), relacionando, como em *buzina*, à lexia *mangará*, que não aparece na carta. Segundo os dicionários etimológicos consultados, *coração* tem origem controvertida; sua base é *cor*, do latim, que se conservou em todas as línguas românicas, exceto no espanhol, que tem *corazón*, paralelo ao português, conforme Nascentes (1966). Esta forma teria derivado do latim vulgar **coratione*.

Engaço é de origem duvidosa e tem como explicação mais próxima “o pecíolo dos cachos de uvas”, conforme Aulete (1964), Morais Silva (1949-1959) e outros; ou “a haste ou pedúnculo do fruto” (AURÉLIO, 1999). Embora difícil de explicar, Aulete (1964) supõe a origem de *engaço* no latim *cassus*, *a*, *um*, “desprovido de”, cognato do verbo *careo*, *es*, *carii*, *cartum*, *ere*, (= “ter falta de”).

Pendão vem do castelhano *pendón*, derivado do francês antigo ou provençal antigo *penon*, do latim *pinna*. Ocorre influência de *pender*. Significa “bandeira ou estandarte”, segundo os autores consultados. Aurélio (1999) e Aulete (1964) acrescentam a “inflorescência masculina do milho”.

Umbigo deriva da forma latina *umbilicus*, *i*, designando a “cicatriz resultante do corte do cordão umbelical” e ainda “a forma protuberante no ápice de certos frutos” (AURÉLIO, 1999 e HOUAISS, 2001, entre outros). Para Silveira Bueno (1964), a forma provém tanto do latim clássico *umbilicus*, como do latim vulgar *imbilicus*, daí “não é rústico nem errado *imbigo*, *embigo*, ao lado de *umbigo*”.

Quanto a *bagunço*, comum no Recôncavo baiano, foi encontrada em Houaiss (2001) uma referência a *bagunç-*, elemento compositivo antepositivo do português *bagunça*, “desordem, confusão”, E, em Silveira Bueno (1964-1968), a forma *baga*, um substantivo feminino, como “nome genérico de frutos, tais quais a uva: *baga* da uva”. Daí, a possível relação com a inflorescência da bananeira.

Outras lexias encontradas na carta fonética: *buzina* (quatro pontos), *cacho* (três pontos), *pivide* (dois pontos), *boneca* e *castanha* (um ponto).

3.2 A Carta 45 do ALPR (Anexo II)

No ALPR, a Carta 45 apresenta as lexias *umbigo*, *coração*, *engaço*, *espiga* e *flor*, das quais cumpre informar aqui sobre as duas últimas, sem registro na Carta 32 do APFB.

A forma *espiga* vem do latim *spica, ae*, conforme Houaiss (2001) e Aurélio (1999), entre outros, e se refere a um tipo de inflorescência caracterizada pela presença de flores sésseis dispostas em volta de um eixo central. É forma antiga, do século XIII, segundo Cunha (1986) e Houaiss (2001). Este último atesta a forma histórica *spiga*, no século XIV.

Por fim, a forma *flor*, do latim *flos, floris*, designa a “estrutura reprodutora das plantas angiospermas” (HOUAISS, 2001). No português arcaico, há registro de *frol* e *fror* (século XIII e XIV, respectivamente), conforme Machado (1967).

Na Tabela 2 abaixo, só foram considerados 64 pontos na análise percentual, por não haver registro de lexia no ponto 61 da carta 45. Quanto ao gênero, os resultados levam à conclusão de que não parece tratar-se de fator relevante no tocante aos usos lexicais. Das lexias informadas, *umbigo* e *coração* são as mais recorrentes, com 45 e 35 pontos assinalados, respectivamente, enquanto *engaço* só aparece em dois únicos pontos da área sob comento.

Tabela 2
Lexias na Carta 45 do ALPR

LEXIAS	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	Pontos	%	Pontos	%	Pontos	%
Umbigo	33	0,51	38	0,59	45	70,3
Coração	25	0,39	20	0,31	35	54,68
Flor	5	0,78	5	0,78	10	15,38
Espiga	2	0,03	3	0,04	5	7,81
Engaço	2	0,03	2	0,03	2	3,12

Observando-se a distribuição geográfica de *flor* e *espiga*, lexias ausentes no APFB, verifica-se sua incidência ao sul e a sudeste do estado do Paraná, avançando em ponta para o nordeste e com apenas uma ocorrência isolada dessas formas, respectivamente, ao norte, ponto 1, e a oeste, ponto 34. Tal zona de incidência corresponde à área “da primeira onda de povoamento”, do chamado “Paraná tradicional”, conforme Aguilera (1996, p. 8). Já *umbigo* e *coração* (presentes, juntamente com *engaço*, na carta 32 do APFB), dominam todo o norte, oeste e sudoeste do estado, zonas da “segunda e terceira ondas povoadoras”, do chamado “Paraná moderno” (AGUILERA, *op. cit.*, p. 8), mas também estão presentes, em concorrência, na área de incidência de *flor* e *espiga*, e ainda no litoral. Quanto a *engaço*, só há dois registros, em pontos opostos, a leste, no litoral (ponto 46), e a noroeste (ponto 14).

3.3 Sobre as designações para a “parte terminal da inflorescência da bananeira” na Bahia e no Paraná

As diferentes designações para “a inflorescência terminal da bananeira”, principalmente na Bahia, dificultam sua determinação espacial. No APFB, somente *umbigo*, *engaço* e *coração*

são comuns à outra área geográfica, o Paraná; as demais não ocorrem no ALPR onde, por sua vez, duas lexias, *flor* e *espiga*, não aparecem na área da Bahia (Tabela 3 abaixo). No Paraná, as lexias mais recorrentes, *umbigo* e *coração*, concentram-se ao norte, descendo para oeste e sudoeste, embora ocorram nas demais subáreas. A lexia *flor* concentra-se mais ao sul, avançando em ponta para nordeste.

Têm registro único, apenas na carta fonética da Bahia: *boneca*, *castanha* e *sabugo*. São denominações analógicas; *boneca* e *sabugo* são comumente empregadas em relação à espiga de milho, enquanto a *castanha* é designação comum para o fruto do castanheiro e do cajueiro.

Umbigo parece ser a lexia de uso mais comum, tendo em vista sua presença nas duas cartas, com o maior número de pontos informados no Paraná (45) e o segundo maior na Bahia (12), onde *búzio/búzia*, mais empregada na variante popular *buzo/buza* (conforme carta fonética), que não ocorre no ALPR, ocupa a primeira posição), confirmando a forte presença do elemento negro na Bahia. A propósito de *buzo*, Mendonça (1948) refere-se a essa forma como um termo quimbundo.

Tudo indica que *umbigo*, *coração* e *engaço*, presentes nas duas cartas, são formas de uso comum, no PB rural, para designar a “inflorescência terminal da bananeira”, ocorrendo em regiões não contíguas, a região Nordeste e a região Sul do Brasil. Todavia seria preciso consultar os atlas lingüísticos das demais regiões brasileiras, num confronto e análise aprofundada, já que outros fatores condicionantes podem ter interferido (haja vista, por exemplo, as condições de povoamento do Paraná, que também recebeu levas de nordestinos). Inversamente, as formas *flor* e *espiga* estão no ALPR, mas não foram informadas no APFB, o que parece demonstrar tratar-se de lexias peculiares àquela área geográfica.

Tabela 3
As lexias na Bahia, APFB, e Paraná, ALPR

LEXIAS	BAHIA – nº de pontos	PARANÁ – nº de pontos
Búzio/búzia	14	
Umbigo	12	45
Engaço	8	2
Bombó	8	
Coração	7	35
Bagunço	6	
Buzina, Pendão	4	
Cacho	3	
Pivide	2	
Boneca, Castanha, Sabugo	1	
Flor		10
Espiga		5

Assim é que se constata um polimorfismo lingüístico rural muito acentuado, tanto no APFB, como no ALPR. Observe-se ainda que, se, por um lado, o Estado da Bahia é considerado uma área de transição entre as regiões Nordeste e Sudeste - na divisão proposta por Nascentes (1958) - por outro lado, o Paraná apresenta uma diversidade marcante nas origens dos seus povoadores, lá chegados de diferentes unidades da Federação (catarinenses, riograndenses, paulistas, mineiros e nordestinos em geral), além de imigrantes de variada origem e procedência (alemães, italianos, japoneses...).

4. NEVOEIRO/NEBLINA

Nevoeiro pertence à área semântica Terra, do questionário do APFB, com as designações informadas na rede de pontos da Carta 12, do atlas lingüístico baiano. O elemento correspondente encontra-se na Carta 33 do ALPR, sob o título *neblina* e se inclui no campo semântico Terra, do questionário lingüístico do atlas paranaense (AGUILERA, 1996, p. 133).

4.1 A Carta 12 do APFB (Anexo III)

Na Carta 12 do APFB, registram-se três formas recorrentes, a saber, *neblina*, *neve* e *naruega*. Na carta fonética respectiva, além das formas variantes de *neve* e *neblina* verifica-se, ainda, a ocorrência, no ponto 6, da forma única *cerração*, pelo informante C (ao lado de *librina* dos informantes A e B) e, no ponto 18, a ocorrência também única de *lebréia*, pelo informante A (ao lado de *librina*, do informante B). Todavia, nas notas, observa-se que *lebréia* é designação para “chuva ainda mais fina do que neblina”, conforme foi informado nos pontos 44, 46, 47 e 49 (todos situados a noroeste, área de registro único de *neve*, na carta); e *neblina*, em 15 pontos citados, equivale a “chuva fina, chuvisco”.

Segundo os dicionários etimológicos e glossários referenciados, *neblina* tem o sentido de “nevoeiro” e “névoa densa e rasteira” (menos densa do que a *cerração*, segundo AURÉLIO, 1999). É de etimologia castelhana, originária do latim *nebula*, *ae*, “névoa, nevoeiro”. Como brasileirismo do Nordeste, tem o sentido de “chuva miúda, chuvisco” (HOUAISS, 2001, AURÉLIO, 1999, e outros). Souza (1939) entende que, por se resolver em “chuva de pouca duração”, o sertanejo chama de *neblina* a qualquer chuvinha fina” (p. 281). Alguns dos dicionários consultados, como Houaiss (2001), registram o verbete *neblinar* como um brasileirismo do Nordeste e também um açorianismo.

Houaiss (2001) refere-se às variantes *leblina*, *lebrina*, *librina*, *lubrina* e *nebrina*, que ocorrem por dissimilação consonântica ou assimilação vocálica, dado o caráter variável da vogal pretônica. São sinônimos variantes *lebrina*, *leblina*, *liblina*, *librina*, *lubrina*, *nebrina* e *nebrinha*. Já *lebréia*, “um brasileirismo da Baía” para Morais Silva (1949-59), é “uma chuva miudinha”.

Neve, do latim *nix*, *nivis*, é a “precipitação de cristais de gelo agrupados em flocos e formados pelo congelamento de vapor d’água na atmosfera”. Forma histórica, século XIV, *neue* (HOUAISS, 2001). Já *nevoeiro* vem do latim **nebulariu* e este de *nebula*, *névoa*, forma antiga, do século XIII, segundo Machado (1967) e tem o sentido de “névoa densa, neblina espessa, cerração forte”.

Noruega, do topônimo Noruega, é, segundo Houaiss (2001), e outros, um brasileirismo do Sul e Centro-Oeste, que designa uma “terra úmida e fresca na encosta meridional de uma montanha, onde bate pouco sol”. Em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, tem o sentido de “vento frio e áspero”, podendo funcionar como adjetivo: “vento *noruega*”. Assim como Noruega, tanto *noruega* como sua variante *naruega* são nomes do gênero feminino.

Tabela 4
Lexias na Carta 12 do APFB

LEXIAS	PONTOS	%
Neve	34	69,38
Neblina	27	55,10
Naruega	3	6,12

Neve e *neblina* são as formas mais recorrentes; já *naruega* só tem registro em três pontos. *Neve* é a lexia com mais vitalidade, domina o oeste baiano e, a leste e sul, co-ocorre com

neblina, à exceção de duas subáreas ao longo do litoral, além de um ponto a sudoeste, nas quais *neblina* é a opção informada. Já *neblina* se estende ao longo da costa, descendo, do nordeste até o sul do Estado.

Tabela 5
Neblina e variantes na Carta 12 do APFB

LEXIAS	PONTOS	%
Neblina	4	8,16
Librina, Lubrina, Librineru	27	55,10
Nebrina, Nibrina	6	12,24

No contexto de *neblina* e variantes, conforme carta fonética, verifica-se que *neblina*, a forma culta de origem espanhola, passa por alterações fonéticas (Tabela 5 acima) e o que se expande para o interior é a realização mais popular, com a lateral inicial e a troca de *bl* por *br*, em *librina*, *lubrina*, *librineru* (em 27 pontos informados, para apenas 4 pontos de *neblina* e 6 pontos da variante *nebrina*).

Já *naruega* ocorre ao sul e sudoeste, em apenas três pontos fronteiriços com Minas Gerais e Espírito Santo. Considerando a divisão dialetal de Nascentes (1958), a localização, no APFB, dessa lexia polissêmica, acrescida das informações sobre ela colhidas nos dicionários e glossários acima referidos, parecem confirmar que se trata de forma peculiar dos falares do Sul, em oposição aos falares do Norte do país².

4.2 A Carta 33 do ALPR (Anexo IV)

Na Carta 33, registram-se as formas *cerração*, *neblina*, *fumaça* e *garoa*. *Neblina* (e variantes) é a forma coincidente com a da carta 12 do APFB (embora ocorra *cerração* no ponto 6 da carta fonética do APFB, forma não registrada na carta-resumo).

A lexia *cerração*, segundo os dicionários consultados, tem o sentido de “nevoeiro espesso, denso; neblina” e vem de *cerrar*, acrescida do sufixo *-ção*, segundo Houaiss (2001), Aurélio (1999), Morais Silva (1949-59), entre outros. Já a forma *cerrar* vem do latim *serare*, com o sentido de “tapar, fechar”.

Fumaça pode ser entendida como “grande porção de fumo que sobe de coisa incendiada” (AULETE, 1964), e vem de *fumo* mais o sufixo aumentativo *-aça*, *Fumo*, do latim *fumus*, *i*, refere-se a “bafo que se condensa no ar frio de inverno” (MORAIS SILVA, 1949-59). No Brasil, deu-se o nome de *fumo* ao tabaco porque produz fumaça quando aceso, conforme Nascentes (1966).

Garoa, para Machado (1967) e Houaiss (2001), é etimologia de origem controversa que, para alguns autores, provém do espanhol peruano *garúa*, “chuveiro” e, para outros, do português *caruja*, “névoa”, dando a este vocábulo, como origem, o latim vulgar **calugu*, do latim *caligo*, *ignis*, ‘névoa’”. Tem como variante a forma *garua*, atestada no Rio Grande do Sul por Coruja (citado por SOARES, 1949, s. v.).

A denominação mais recorrente é *cerração* (62 pontos), que se distribui por quase toda a área. Quanto ao gênero, a presença masculina revela-se maior no uso de *cerração*. (Tabela 6). Para *neblina*, observam-se as seguintes variantes: *librina*, *lebrina*, *nebrina* e *nibrina*. Dessas, como no APFB, a forma culta, com apenas quatro realizações (pontos 2, 16, 27 e 39), cede lugar

² São sete as zonas dialetais propostas por Antenor Nascentes (1958): duas constituem os subfalares do Norte – o amazônico e o nordestino; quatro, os subfalares do Sul – o baiano (intermediário), o fluminense, o mineiro e o sulista; e uma zona, àquela época despovoada, denominada de território incarcaterístico. .

às demais, das quais *librina/lebrina* é a mais recorrente, com 17 ocorrências, para 9 usos de *nebrina/nibrina* (Tabela 7).

Tabela 6
NEBLINA - Carta 33 do ALPR

LEXIAS	Masculino		Feminino		TOTAL	
	PONTOS	%	PONTOS	%	PONTOS	%
Cerração	58	90,72	50	78,12	62	96,07
Neblina	16	25	20	31,25	28	39,06
Fumaça	10	15,62	04	6,25	13	20,31
Garoa	01	1,56	2	3,12	03	4,68

Tabela 7
Neblina e variantes no ALPR

LEXIAS	PONTOS	%
Neblina	4	6,15
Librina/lebrina	17 (14+03)	26,15
Nebrina/nibrina	9 (6+3)	13,84

4.3 Sobre as designações para *nevoeiro/neblina* na Bahia e no Paraná

A Carta 12 (*Nevoeiro*) apresenta dois termos que caracterizam as regiões leste e oeste da Bahia, *neve*, no interior, e *neblina*, no litoral, com maior incidência da primeira sobre a segunda. De referência a *neblina* e variantes, conforme se observou acima, *neblina*, a forma erudita, de origem espanhola, cede espaço a *librina*, forma mais recorrente em relação a esse grupo. Já a carta 33 do ALPR informa a presença maciça de *cerração* por toda essa área geográfica, ausente em apenas três do total de 65 pontos pesquisados (pontos 1, 2 e 16). Com baixa incidência, *naruega*, no extremo-sul da Bahia, é variante de *noruega*, forma típica da região Sudeste, e *garoa*, no extremo-oeste paranaense e em dois pontos ao norte do Paraná, é peculiar às regiões Sul (com a variante *garúa*) e Sudeste.

Tabela 8
NEVOEIRO/NEBLINA

LEXIAS	BAHIA	PARANÁ
Neve	34	
Neblina	27	28
Naruega	3	
Cerração		62
Fumaça		13
Garoa		3

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Cartas geolingüísticas aqui estudadas, representando realidades lingüísticas de duas áreas geográficas distintas, cujos habitantes são usuários de uma mesma língua, a língua portuguesa, demonstram que uma língua não é um produto pronto e acabado para manuseio comum e rotineiro dos falantes. Ao contrário, ela está continuamente se refazendo e se modificando, principalmente naqueles pontos em que o sistema não supre as necessidades expressivas e comunicativas dos seus usuários.

Dessa forma, mudanças ocorrem no léxico da língua (entre outras), tornando-se comum encontrarem-se termos de étimos bem diferentes compartilhando não só o mesmo sentido (a exemplo, *flor*, *búzio*, *coração*, *umbigo* e tantos outros, designando a “parte terminal da inflorescência da bananeira”) como também sentidos diferentes numa só forma lexical (por exemplo, *coração* é a designação comum para “o órgão muscular situado na cavidade torácica, responsável pela circulação sanguínea). Também surgem lexias quando se procura uma maneira de designar um novo elemento, incorporando conceitos novos à cultura já existente. Casos há ainda em que, sendo a palavra um complexo de associações, não evoca apenas uma noção, mas outras que a ela estão ligadas. Desse modo, o significado inicial é como um núcleo, de onde partem várias conotações (como em *búzio*, designação para “concha que serve para emitir som”; daí evoluiu para o significado de “buzina, trombeta, corneta”); essas conotações ampliam o campo significativo da palavra. A nova designação, então, resulta da evolução nas associações que constituem a significação da palavra – através de processos metafóricos e metonímicos, como é o caso de *coração*, *umbigo*, *flor*, *búzio* (“para a inflorescência terminal da bananeira”), *noruega*, *cerração* (para “nevoeiro”), entre outros – com os significados informados nas cartas estudadas dos Atlas da Bahia e do Paraná.

Essas são propriedades inerentes às línguas humanas e seus falantes, que as tornam mais ricas, dinâmicas e expressivas na realização do processo comunicativo.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994, 2 v.
- AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5. ed. Rio: Delta, 1964, 5 v.
- CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: UFBA, 2000.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Rio: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio: Nova Fronteira, 1999. Citado como *Aurélio*.
- HOUAISS, A. et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio: Objetiva, 2001.
- MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Confluência/Livros Horizonte, 1967.
- MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. Porto: Figueirinhas, 1948.

MORAIS SILVA, A. de. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949-1959, 12 v.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958.

----- *Dicionário etimológico resumido*. Rio: Instituto Nacional do Livro, 1966.

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: MEC; Instituto Nacional do Livro, 1965.

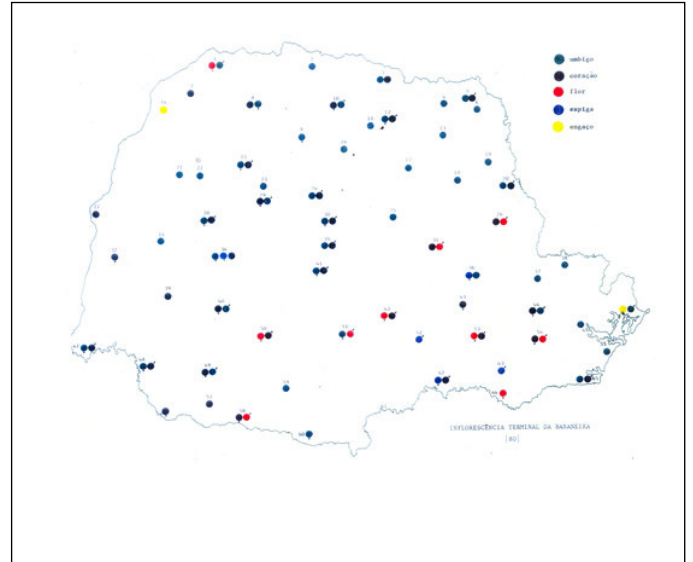
SILVEIRA BUENO. *Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968, 8 v.

SOARES, A. J. M. *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*. Rio: Imprensa Nacional, 1949.

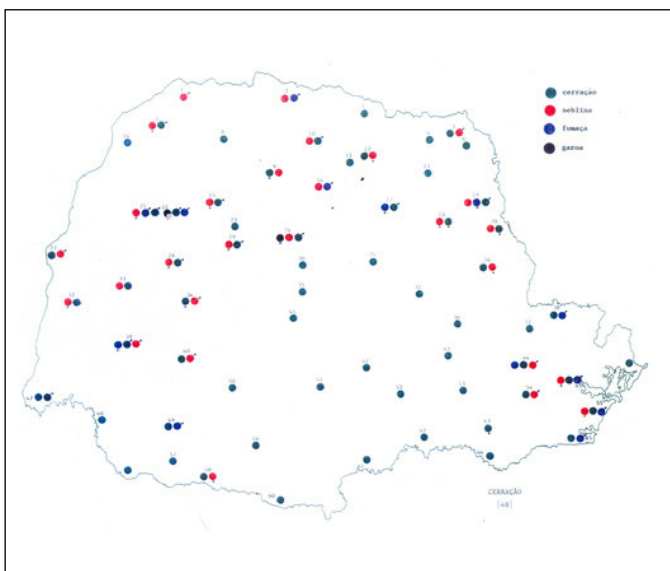
ANEXO I – A CARTA 32 DO APFB



ANEXO II – A CARTA 45 DO ALPR



ANEXO III – A CARTA 12 DO APFB



ANEXO IV – A CARTA 33 DO ALPR

